

QUANTO VALE O SITE

Especialistas convidados* deram notas de 0 a 5 para os sites dos principais candidatos



	Haddad (PT) pensenovotv.com.br	Chalita (PMDB) chalita.com.br	Russomanno (PRB) celsorussomanno.com.br	Serra (PSDB) serra45.com.br
Estética - A qualidade das imagens e dos vídeos e a interface da página	NOTA MÉDIA 3,6	NOTA MÉDIA 2,2	NOTA MÉDIA 1,8	NOTA MÉDIA 2,2
Clareza - A qualidade da informação oferecida (notícias, biografia, propostas de governo)	3,2	2,8	3,2	2,0
Atualização - A rapidez com que notícias, opiniões do candidato e dados sobre agenda são atualizados	2,4	2,8	2,6	2,8
Navegação - A facilidade para chegar aos conteúdos que o visitante deseja conhecer	3,0	2,6	2,8	2,0
Interatividade - Ferramentas que permitam o contato com o candidato	4,0	3,0	2,4	3,4
Nota final (média)	3,2	2,7	2,6	2,5

* Os jurados: Fabiano Angélico, Gabriel Rossi, Juliano Spyer, Mercedes Sanchez, Paulo Roque

eleições 2012

Candidatos investem em sites ineficazes

Especialistas consultados analisam a campanha virtual das principais chapas que disputam a Prefeitura de SP

Página de Haddad é a mais interativa; a de Serra, mais atualizada; as de Russomanno e Chalita, as mais claras

NANCY DUTRA
DE SÃO PAULO

Os candidatos que terão mais tempo de TV na corrida pela Prefeitura de São Paulo consideram a internet uma ferramenta fundamental na busca por votos. Mas nenhum deles demonstra saber como

usá-la de forma eficiente. Textos extensos demais, navegação difícil, falta de clareza e de ferramentas de busca estão entre os problemas apontados por um grupo de cinco especialistas em internet convidados pela **Folha** a dar notas (de 0 a 5) para os sites dos candidatos.

O site mais bem avaliado foi de Fernando Haddad (PT). Com 7% nas pesquisas de intenção de voto, sua página teve nota média de 3,2.

Tecnicamente empatados na liderança da disputa, segundo o Datafolha, José Ser-

ra (PSDB), com 30% das intenções de voto, e Celso Russomanno, com 26%, também estão embotados na avaliação de seus sites. Serra obteve nota média de 2,5. O candidato do PRB ficou com 2,6.

Por uma pequena margem, o site do peemedebista Gabriel Chalita foi considerado melhor que os de Serra e Russomanno. Levou nota 2,7.

Para o pesquisador de internet Juliano Spyer, o maior trunfo de Haddad é explorar o uso de vídeos "curtos,quentes e bem editados".

"Haddad pede pouca aten-

ção. É pra passear pelo conteúdo", diz Spyer, que trabalhou nas campanhas de Marina Silva e Gilberto Kassab (PSD).

Mas são poucos os textos. E as abas não cumprem a função de orientar o leitor. A seção de notícias, por exemplo, se chama "tv H".

Na opinião do consultor Gabriel Rossi, isso torna a navegação difícil e deixa o site "parecido com o de uma banda de rock". Seria uma forma de reforçar a ideia de jovem e novo. O petista tem como slogan a sentença "o homem novo para um tempo novo".

O domínio escolhido complementa essa estratégia: **pensenovotv.com.br**. A dificuldade em relacionar a página ao candidato fez a equipe de sua campanha adquirir novos domínios — **haddad13.com.br**, por exemplo —, que redirecionam o usuário ao endereço.

Assim como o site de Haddad, o de Serra usa muitas imagens, mas os especialistas apontaram dois problemas básicos: a necessidade de um navegador atualizado para entrar na página e a falta de uma ferramenta de busca.

"Os textos são muito grandes, o internauta precisa usar muito o mouse para chegar até o final", comenta a consultora Mercedes Sanchez.

Serra é o candidato mais ativo no Twitter, com mais de 1 milhão de seguidores.

O especialista em transparência Fabiano Angélico critica a falta de acesso fácil às propostas nos sites: "É lamentável que não haja destaque para as ideias para a cidade. Tem muito conteúdo inútil."

Entre os quatro, Russomanno é o único que expõe uma lista extensa de propostas.

Conflito territorial envolvendo indígenas cresce e causa revoltas

Violência contra patrimônio passou de 82 casos em 2006 para 99 no ano passado, segundo o Cimi

AGUIRRE TALENTO

ENVIADO ESPECIAL A ALTAMIRA (PA)

DANIEL CARVALHO

DE SÃO PAULO

Dados recém-divulgados pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário) mostram que 2011 teve o maior número de conflitos envolvendo questões territoriais dos índios nos últimos seis anos.

Segundo o relatório, finalizado no mês passado, os casos foram de 82, em 2006, para 99, no ano passado.

A Funai (Fundação Nacional do Índio) identifica atualmente oito Estados com focos de tensão envolvendo índios de, no mínimo, 17 etnias. Há disputas de territórios com fazendeiros, garimpeiros, madeireiros e o próprio Estado, como em casos de construção de hidrelétricas, além de protestos frequentes por saúde e segurança.

Um dos focos de tensão é a região de Altamira (oeste do Pará, a cerca de 900 km de Belém), onde o governo federal constrói a hidrelétrica de Belo Monte.

Na semana passada, índios araras e jurunas, que vivem às margens do rio Xingu, fizeram reféns três engenheiros ligados à hidrelétrica. Em junho, eles já haviam invadido um canteiro de obras.

Os índios do local estão em estado permanente de tensão, demonstrado pelas pinturas no rosto e lanças nas mãos. Obras prometidas como compensação que ainda

não foram feitas são a razão dos protestos. "Isso nos deixa revoltados", diz o líder José Carlos Arara, da terra indígena Arara da Volta Grande.

Para a doutora em antropologia da PUC-SP Lucia Helena Rangel, coordenadora do relatório do Cimi, três fatores contribuíram para a violência contra indígenas: burocracia, pressões políticas e pressões econômicas. "Temos um contexto de crescimento econômico que incentiva esse recrudescimento do direito indígena."

HOMOLOGAÇÕES

Outro dado apontado pelo Cimi é a queda do número de homologações de terras indígenas nos últimos anos.

Desde a redemocratização, o pico de homologações ocorreu no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quando o país começou a experimentar maior estabilidade. Foram 145 registros. Nos anos Lula (2003-2010), período com maior crescimento econômico, o total caiu para 79. Em 2011, primeira ano da presidente Dilma Rousseff, foram 3.

O doutor em antropologia da PUC-SP Rinaldo Arruda diz que reconhece avanços na questão indígena brasileira, mas identifica uma "virada conservadora" das políticas governamentais.

A Funai informou que, neste ano, Dilma homologou sete terras indígenas no Amazonas, no Acre e no Pará.



Índio juruna após reunião fracassada com empresa da obra de Belo Monte, no Rio Xingu (PA)

DRAMAS INDÍGENAS

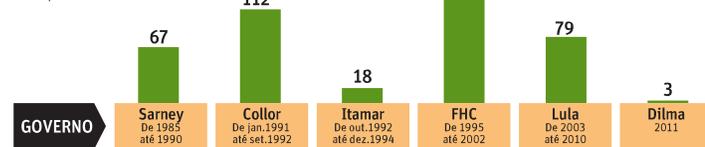
A violência tem aumentado, as homologações de terra têm caído

A VIOLÊNCIA EM NÚMEROS



HOMOLOGAÇÃO DE TERRAS

Por presidente



Fontes: Conselho Indigenista Missionário

Índios dizem que situação os obriga a fazer pressão

DO ENVIADO A ALTAMIRA (PA)
DE SÃO PAULO

Cansados de esperar por decisões da Justiça ou promessas de governo, índios em várias partes do país tentam fazer pressão com invasões de terras, ocupações de prédios públicos e captura de reféns.

Em Mato Grosso do Sul, kadiwéus ocupam, desde maio, 23 fazendas em área indígena cuja posse é disputada na Justiça há 25 anos. Em Mato Grosso, xavantes aguardam a saída de fazendeiros da terra indígena Maráiwatsedé, segundo ordem da Justiça.

Nos dois casos, os fazendeiros alegam que houve erro na demarcação.

No Pará, índios afetados pela hidrelétrica de Belo Monte já falam em invadir de novo o canteiro de obras. Araras, jurunas e mundurucus dizem que só assim são ouvidos.

A **Folha** visitou três aldeias do Xingu, com cerca de 300 índios. Eles falam português e vão com frequência a Altamira. A comunicação com a cidade é feita por meio de rádio.

Na terça, as atenções se voltaram para a aldeia Muraturu: araras e jurunas decidiram fazer reféns engenheiros de Belo Monte. Os três homens foram libertados sexta. "Não acreditamos mais no que nos falam", justifica o cacique Giliard Juruna, 30.

A Norte Energia, empresa responsável por Belo Monte, diz, em nota, que os acordos firmados com os índios serão cumpridos.